

Pesquisador mostra por que obra do escritor sempre foi referência para compositores

Bandeira, o poeta que escrevia por música

ANTONIO ROBERTO FAVA

fava@unicamp.br

Talvez o poeta Manuel Bandeira (1886-1968) não construísse seus poemas com a intenção de vê-los musicados. Ou quem sabe nem buscase usar esse expediente com o propósito de tornar sua literatura mais popular. O fato é que, em grande parte de seu repertório poético, encontram-se obras cujos versos podem ser interpretados como se fossem músicas. No poema *Andorinha*, *Andorinha*, por exemplo, em que ele escreve "... passei à vida à toa, à toa". Só um compositor de canção de câmara seria capaz de interpretar bem a música com um verso desses. Ou então como tão bem fizeram Antonio Carlos Jobim e Vila-Lobos, em épocas diferentes, com o poema *Trem de Ferro*, escrito em 1936.

Bem, o estudante Pedro Marques passou mais de três anos analisando o que havia de musical no verso do poeta pernambucano. Para isso, leu aproximadamente duas centenas de livros, alguns em língua estrangeira, cujo trabalho resultou na dissertação de mestrado *Musicalidades na Poesia de Manuel Bandeira*, sob orientação da professora Orna Messer Levin, apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem (IEL). Pedro Marques concentrou sua análise basicamente em três textos de Bandeira: *Na Rua do Sabão*, inserido no livro *Ritmo Dissoluto* (1924), *Pensão Familiar*, do livro *Libertinagem* (1930) e *Sacha e o Poeta*, que consta do livro *Estrela da Manhã* (1936), nos quais pode-se sentir uma forte carga de musical.

O pesquisador esclarece que a primeira coisa que se verifica de musical no texto *Na Rua do Sabão* é a utilização do refrão popular de domínio público: "Cai cai balão/cai cai balão/na Rua do Sabão". A repetição dessa estrutura, ao longo do texto, constitui uma das musicalidades do poema. A poesia trovadoresca, para se ter um exemplo, usa ao extremo o refrão como recurso musical. Quando o leitor lê o *Na Rua do Sabão* pode perfeitamente cantar o refrão; uma vez conhecida a sua melodia, ele estaria diante de outras musicalidades.

Pedro Marques diz que escolheu a poesia de Manuel Bandeira motivado por observações de críticos da época que afirmavam possuir a poesia de Bandeira elementos fortemente musicais. "Mas isso era algo um tanto incipiente, nada muito profundo e que exigia um estudo mais de-



Foto: AE

Manuel Bandeira, em foto do início dos anos 1960: poeta pernambucano antecipou conceitos do Modernismo

talhado", explica. Como músico (toca violão), poeta e estudante admirador da obra de Bandeira, Pedro diz ter percebido que grande parte dos textos do poeta pernambucano possui uma musicalidade subentendida, fruto talvez de um trabalho extremamente elaborado com a palavra. Seus poemas tendem a não oferecer qualquer dificuldade de leitura, por ter uma linguagem fluente. Por isso, não constituem obstáculos para um compositor que queira musicá-los.

"Concentrei o meu estudo nessas três obras – *Na Rua do Sabão*, *Pensão Familiar* e *Sacha e o Poeta* – porque considero que por meio delas Bandeira se firma como grande poeta de língua portuguesa", diz Pedro. No entanto, acentua que não é em todos os momentos que o poeta demonstra a intenção de fazer um trabalho cuja estrutura pudesse ser adaptável a uma composição musical. Já em outros textos, porém, fica evidente o desejo de vê-los musicados. "Como no poema *Debussy*, que foi feito com esse propósito – o qual apresenta todos os elementos para uma boa composição musical: ritmo, frases, palavras, rimas e métrica. "Para cá, para lá.../Para cá, para lá.../Um novelozinho de linha/Para cá, para lá.../Para cá, para lá.../Oscila no ar pela mão de uma criança (Vem e vai...) Que delicadamente e quase a adormecer o balanço – Psio... – Para cá, para lá... – O novelozinho caiu."

Análise se concentrou em três textos

Versos trabalhados à exaustão

"A estrutura do poema recria uma frase melódica de Claude Debussy, o compositor. Bandeira pega então uma linha melódica de uma peça de Debussy – *La jeune fille aux cheveux de lin* – e tenta imitá-la, acompanhando-a com palavras (que constituem o seu poema) aquilo que só seria possível evidentemente por meio da música", explica.

Para o pesquisador, Manuel Bandeira fez uma poesia intemporal – era um poeta que sabia estruturar seus temas, geralmente muito simples: recordações da infância, um amor irrealizável, a sombra de uma doença grave, um enterro que passa, uma tarde de despedidas, uma velha casa que vai abaixo e na qual se sofreu e se amou muito. Cada um desses simples temas é a célula principal de um processo de desenvolvimento temático, enriquecendo-se e revelando facetas novas, inesperadas, que se enquadra na forma para a qual estava predestinada e, enfim, formando o poema. Manuel Bandeira foi um autor que escreveu relativamente pouco, "pois era um poeta extremamente metucioso, que trabalhava muito a utilização da palavra, e buscava incessantemente a expressão certa, empregan-

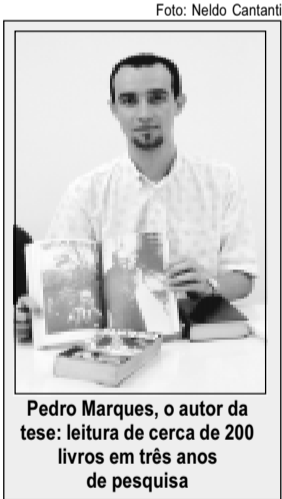


Foto: Neldo Cantanti

Pedro Marques, o autor da tese: leitura de cerca de 200 livros em três anos de pesquisa

do-a da maneira mais correta possível", diz Pedro.

Sem Manuel Bandeira provavelmente não haveria no Brasil poesia modernista, ou, então, ela não seria o que foi. Por ser um homem receptivo a tudo o que era novo, não se filiando a nenhuma escola, moda ou estilo, Bandeira era tido como exemplo de inovação e técnica e dono de uma escrita apurada, começando por fazer versos livres antes mesmo do Movimento Modernista de 22. Com *Carnaval* (1919), seu segundo livro, o poeta acabou antecipando determinados conceitos do Modernismo; embora preso a reminiscências simbolistas e parnasianas, também impregnadas da velha herança do lirismo português, Bandeira mereceu mais tarde o cognome de São João Batista do Modernismo, que lhe fora dado por Mário de Andrade.

Bandeira não ganhou dinheiro com poesia, mas, seguramente, foi um dos mais populares entre os poetas brasileiros, artistas, pensadores e até mesmo músicos. Certa vez, Carlos Drummond de Andrade afirmou que "Manuel de Andrade era o poeta nacional".

TRECHOS

NA RUA DO SABÃO

Cai cai balão
Cai cai balão
Na Rua do Sabão!
O que custou arranjar
aquele balãozinho de papel!
Quem fez foi o filho da lavadeira.
Um que trabalha na composição
do jornal e tosse muito.
Comprou o papel de seda,
cortou-o com amor,
compôs os gomos oblongos...
Depois ajustou o morrão de pez
ao bocal de arame.
Ei-lo agora sobe – pequena coisa
tocante na escuridão do céu.

PENSÃO FAMILIAR

Jardim da pensãozinha burguesa
Gatos espapaçados ao sol.
A tiririca sítia os canteiros chatos.
O sol acaba de crestar as boninas
que murcharam.
Os girassóis amarelos! Resistem.
E as dalias, rechonchudas,
plebéias, dominicais.
Um gatinho faz pipi.
Com gestos de garçom
de restaurant-Palace
Encobre cuidadosamente
a mijadinha.
Sai vibrando com elegância
a patinha direita:
- E a única criatura fina
na pensãozinha burguesa.

SACHA E O POETA

Quando o poeta aparece,
Sacha levanta os olhos claros,
Onde a surpresa é o sol que vai
nascer.
O poeta a seguir
diz coisas incríveis,
Desce ao fogo central da Terra,
Sob na ponta mais alta das nuvens,
Faz gurugutu pif paf,
Dança de velho,
Vira Exu,
Sacha sorri como o primeiro aro-
íris.
O poeta estende os braços, Sacha
vem com ele.
A serenidade voltou de muito longe
Que se passou do outro lado?
Sacha mediunizada
- Ah-pa-papapá-papá-
Transmite em Morse ao poeta
A última mensagem dos Anjos.

Contemporaneidade é tema da revista Resgate

O Centro de Memória-Unicamp acaba de lançar mais um número de *Resgate* – *Revista Interdisciplinar de Cultura* (número 11) que apresenta como tema "Um olhar sobre a contemporaneidade". A presente edição de *Resgate* (128 páginas, R\$ 8,00) é a materialização do esforço do Comitê Editorial da revista que, em busca da atualização, produziu três números em um espaço de sete meses.

"É um desafio produzir uma revista acessível ao público não-acadêmico, sem, contudo, abrir mão do conteúdo denso e da boa qualidade editorial que requer uma publicação produzida no âmbito da Universidade. Encarar este desafio tem sido o nosso objetivo", afirma a diretora do Centro de Memória-Unicamp, Olga von Simson. Segundo ela, *Resgate*, desde a sua primeira edição, em 1990, busca ultrapassar a barreira da in-

comunicabilidade com o público leigo, fenômeno constante em revistas científicas nas diferentes áreas do conhecimento.

Resgate pretende cobrir o espaço que vai do jornal à produção da Academia, mediando a interlocução desses dois níveis, com o propósito de tornar mais palatável ao leitor o que se produz na Universidade. "Nossa proposta é, portanto, abrir espaço para o debate que não se candeia apenas pela pulsão acadêmica e pela linguagem eminentemente técnica", afirma o jornalista Amarildo Carnicel, editor da publicação. Ele explica que a revista visa também atingir a sociedade mais ampla por meio de um diálogo com os diferentes segmentos da comunidade acadêmica e tornar-se canal efetivo para a veiculação das criações



nas áreas artísticas, literárias e de humanidades em geral.

A edição – Os artigos reunidos nesta 11ª edição compõem o dossiê "Um olhar sobre a contemporaneidade". Sob essa ótica, reúne trabalhos que veiculam criações artísticas, literárias e de humanidades em geral. "Sugerem e discutem modos de olhar e de pensar o agora dentro de uma perspectiva teórica que, em alguns momentos, se vale também do passado para melhor compreensão do presente", afirma o editor. "A propósito, se o momento em que vivemos pode ser chamado de "Era da imagem", nada mais oportuno que o tema "imagem" – em seus diferentes suportes – para uma discussão nesta edição", avalia.

Mas *Resgate* não abriga apenas artigos, ensaios e resenhas. Con-

tos, poesias e crônicas compõem a seção "Empório Literário" que, nesta edição, traz o poema *A cidade e os livros*, em que o linguísta e poeta Carlos Vogt mostra sua paixão por São Paulo durante um passeio, em diferentes épocas, pela "Paulicéia Desvairada".

Como se observa neste número, *Resgate* procura preservar seu projeto original, conforme disse um dia seu idealizador, o historiador José Roberto do Amaral Lapa: "Não é necessário renunciar ao nicho acadêmico para chegar a leitores que não têm familiaridade com monografias, dissertações e teses. É possível preencher, de forma harmoniosa, essa lacuna situada entre o rigor da investigação acadêmica e a leveza da informação cultural". Pelo menos, esta é a proposta da revista que recupera seu espaço entre as revistas acadêmicas de cultura.